



ELETROCOOPERATIVA

Projeto:

Para uma estética afro-descendente: um projeto de educação pela arte e cultura para a vida social sociável de adolescentes e jovens de baixa renda de Salvador.

(consultor Gey Espinheira*)

Apresentação

Este projeto se propõe exercer sobre jovens – de ambos os sexos – uma formação através das artes, sobretudo da música e da narrativa corporal, para o desenvolvimento das potencialidades da vida social participativa, solidária e cooperativa, proporcionando um salto no tempo e no conteúdo sobre o fosso cavado pelas desvantagens sociais decorrentes das condições sociais adversas de vidas dessas personagens.

A busca dos fundamentos, da ancestralidade cultural afro-brasileira – e afro-baiana, em particular – como substância da matéria a ser compartilhada para a construção de novas formas de ser, de desejar e de desenvolvimento da vontade, portanto do querer, um mundo melhor, fazendo de cada qual um projeto para a sociedade e uma perspectiva política crítica de ver e querer a sociedade como um projeto para cada qual no sentido do reforço do coletivo como meio de realização dos projetos individuais.

O objetivo, tal como expresso, é acelerar o desenvolvimento múltiplo e polissêmico de jovens em desvantagem social, através de uma educação complexa, profundamente lúdica; ancorada na dimensão plural da Estética, mais particularmente na Estética afro-brasileira, inspirando-se no legado extraordinário da capacidade de estruturação social do candomblé e de suas influências.



ELETROCOOPERATIVA

Neste projeto é possível determinar com alto grau de precisão as múltiplas possibilidades e realizações já efetivadas a partir dos usos da cultura afro, que na música fez da Bahia um grande laboratório para todo o mundo; mas também nas formas de representação dos corpos na dança e na vida cotidiana. É a apreensão desse legado cultural e dessa força da cultura o objeto deste projeto que aqui vai delineado e teoricamente justificado.

Introdução

Apesar de tudo, uma sociedade teima em ser o que ela é. Mas o que ela é, de fato? É o seu patrimônio cultural e suas expectativas, e estas são dadas a partir das possibilidades sentidas de realização. Há, em voga, uma forte tendência de *resistência do lúdico* em Salvador nas últimas décadas, desde que se pôs em marcha um movimento que se sustentou na cultura e não em ideários políticos abstratos. Poderíamos dizer, tal como registrou Rizério, no início da década de 80 (1981:19), citando uma declaração de Vovô, um dos criadores do Ilê Aiyê¹:

A nossa mensagem maior é a festa, o espetáculo. O pessoal do Movimento Negro se reúne, se reúne, e não faz nada. E nós, através do carnaval, sem fazer discurso nenhum, já conseguimos modificar muita coisa por aqui.

¹ Fundado como bloco afro de carnaval nos anos 70, tornou-se uma instituição sócio-cultural de caráter permanente, com ênfase na valorização da cultura negra e do negro em si; responsável pela estratégia da “beleza negra”. Bloco do bairro da Liberdade. Salvador-Bahia.



ELETROCOOPERATIVA

Rizério (ibid.) chamou a atenção para o fenômeno da “reafricanização” que estava em curso nos anos 70 e que atingia, na década de 80 a sua consolidação como uma tendência inexorável da fundamentação dos *movimentos étnicos*, particularmente o negro. Disse ele:

... A “reafricanização” de que falo não é simplesmente carnavalesca. Trata-se de um processo bem mais geral: o da “reafricanização” da vida baiana (e brasileira, evidentemente; a particularização vai por conta da perspectiva regional aqui adotada). “Reafricanização” que está tendo, no carnaval, seu clímax, sua expressão mais densa e colorida, mas que de modo algum se resume aí”.

Vamos tomar como referência o sistema de crença que é denominado genericamente de *candomblé*, e guiados por Costa Lima (2003:18), citando Edison Carneiro e Pierre Verger, definindo o conceito de candomblé; para o primeiro:

O lugar em que os negros da Bahia realizam as suas características festas religiosas tem hoje o nome de candomblé, que antigamente significou somente as festas públicas anuais das seitas africanas, e em menor escala os nomes de terreiros, roça, ou aldeias, este último caso dos candomblés e influências ameríndias.

Para o segundo, Verger:

O candomblé é o nome dado na Bahia para as cerimônias africanas, representa, para seus adeptos, as tradições dos avós que viveram dum país longínquo, fora do alcance e quase fabuloso. Tradições mantidas a duras penas é que lhes deu a força de se conservarem eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo em que eram tidas as suas religiões e a obrigação de participar da religião de seus senhores.

Lima, analisando as conceituações citadas, reconhece que nessas tradições:

Nada mais, entretanto, poderia estar intacto nos candomblés: nem a ideologia, marcada, sem dúvida, pelas concessões ao sistema de pressão das classes dominantes, nem o simbolismo dos ritos e dos



ELETROCOOPERATIVA

mitos, muitas vezes perdidos de sua originalidade significativa e aqui reinterpretados ou recriados, nessa língua sagrada dos cânticos e das fórmulas rituais, identificáveis em sua estrutura e no seu léxico, mas certamente modificada em seus valores semânticos e fonéticos. Mudados, embora, os cultos africanos no processo da cultura brasileira, em função sobretudo da transformação das estruturas econômicas das classes em que os candomblés se inseriam e que determinaram a mobilidade das camadas e a transformação da própria funcionalidade desses grupos religiosos, continuam eles firmemente estruturados na sociedade inclusiva de que são parte, como um importante fator de integração social.

Sem ir mais adiante, a fundamentação cultural de que falamos é cosmogônica e mitológica, portanto, tem a força da construção e perduração do universo que vem desafiando séculos e condições sócio-culturais e políticas as mais adversas. Assim, como nos chama atenção Maffesoli (1980:174): “È podemos, então, observar que a revalorização do presente vai de par com a do mito, que sob nomes diversos e de múltiplas maneiras começa a preocupar a ciência moderna”. A partir desta constatação é possível se ir mais adiante, ainda com o auxílio do autor imediatamente citado, tomando a idéia de “a vida sempre recomeçada”:

O pressuposto básico é, naturalmente, a consideração da vida social pelo que ela é e não em função do que deveria ser. Trata-se de reconhecer que, bem ou mal, há uma aceitação (e talvez mesmo uma afirmação) da existência”. (Ibid.:175).

E, assim, podemos chegar à conclusão de que outras linguagens se preservam, com eficácia, diante – mas jamais sob – aquela que se apresenta como hegemônica e que advoga para si a legitimidade do conhecimento e da comunicação. Ainda é com Maffesoli (Ibid.:176) que apontamos este problema:

O iconoclasto ocidental, em seu racionalismo monovalente, destruidor de imagens, não é mesmo capaz de registrar o que se mostra se não for de todo possível integrá-lo a um dado sistema.



ELETROCOOPERATIVA

Entretanto, é justamente no jogo do imaginário que com maior acuidade se exprime o ceticismo cíclico da socialidade. Aí, naturalmente, nada é uniforme, linear, explicável por um conceito unívoco; ao contrário, encontramos abundância, redundância e repetição. E para nos convenceremos disso, basta observarmos as variantes, as versões paralelas e as lições heterogêneas pelas quais o mito se exprime.

Acreditamos que, com os argumentos apresentados, podemos ir adiante na exposição de nossa proposição, sabendo que há espaços – mais que brechas – para a representação de valores que não sejam aqueles ditados por certas forças iconoclastas, destroem ídolos que não são os seus em nome da desqualificação da alteridade.

Vimos, com Lima, a força da tradição, ajustada às estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais, sem, no entanto, sucumbir a elas, no jogo de mediações, cujo resultado foi a de estarem os grupos religiosos do candomblé inseridos, de tal modo que “continuam eles firmemente estruturados na sociedade inclusiva de que são parte, como um importante fator de integração social” (2003:18). É precisamente neste da integração social que este projeto se apóia para justificar-se em nome de uma estética cultural própria de uma cultura que resiste, que teima e que perdura vivamente, sem ser do passado, mas também sem o dever ser do futuro, mas de um presente contínuo, de um sendo, como é a expressão da própria vida que só é enquanto vive, *sendo*, portanto.

A estética é uma comunhão de sentimentos, um compartilhar de sentimentos que elabora uma construção coletiva, por isso mesmo capaz de desenvolver a solidariedade orgânica no sentido “do tátil”, tal como proposto por Maffesoli (1990:45) ao se referir ao culto ao corpo na sociedade contemporânea:

A valorização multiforme dos corpos remete ao “palpável”, a uma ambiência geral que favorece ao “tocar”. Enquanto que “o ótico” é uma perspectiva que se inscreve no distante, o tátil favorece o que está próximo (proxemia), o cotidiano, o concreto. É neste sentido que se pode ligar o estético aos valores do presente... Tudo o que se refere ao *presenteísmo*, no sentido da oportunidade, tudo que



ELETROCOOPERATIVA

remete à banalidade e à força gregária, em uma palavra, à acentuação do *carpe diem*², hoje ressuscitada, se encontra na matriz estética um lugar de preferência.

Sintetizando, a estética é enquanto cultura de sentimentos, assim como de simbolismo, uma lógica comunicacional; assegura a conjunção de elementos até então separados. Nesta acepção, a estética é um forte fator de agregação social, de solidariedade orgânica. Considerando a vigência em nossa sociedade do culto do corpo, a estética torna-se um fator fundamental de comunicação social na heterogeneidade social e cultural; linguagem, portanto, a comunicar as emoções compartilhadas e a levar o compartilhar de emoções.

Podemos ir adiante em nossa justificativa dizendo que: a força da cultura afro-brasileira (afro-baiana, em particular) é por demais evidente; como visto, o seu caráter orgânico de solidariedade, os efeitos sociais comunicativos e de compartilhamento de sentimentos, de emoções, têm alta ressonância na socialidade e na sociabilidade como efeitos esperados. Em outras palavras, a estética se traduz em fator de socialização e de sociabilidade, tão necessários para o desenvolvimento de projetos de desenvolvimento social e de reforço do sentimento coletivo, da cidadania e dos direitos humanos.

Através da cultura, tal como vem sendo feito através da música, especialmente através dos tambores, cujo *toque* evoca a dimensão “tátil”, aquela que requer a proximidade, o *tocar*, típica das culturas de *proximidade*, “epidérmicas”, em que os corpos se encontram, se tocam e são, eles próprios, signos da comunicação social. A unificação, como requer a estética, de elementos que estavam, até então separados, música, narrativa histórica e literária, leitura dos corpos através do vestuário, dos penteados, das cores dos adornos, dos jogos das máscaras da maquiagem, dos odores dos perfumes na coerência com os tecidos, com as peles, com as cores, com os gestos.

² “Aproveita o dia (de hoje)”. Primeiras palavras de um verso de Horácio (Odes, Livro I, 11, 8), completado por *nec minimum credula postero*, ‘confiada o menos possível no de amanhã’. Paulo RÓNAI. Não perca o seu latim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.



ELETROCOOPERATIVA

O corpo como comunicação a ocupar o espaço e o tempo, a significar, a proporcionar a comunhão de emoções diante do estético olhado, tocado e sentido – se quisermos, do barroco que ativa e atíça todos os sentidos – para a percepção das nuances que ativam a sensualidade.

A educação do corpo e pelo corpo vai muito mais além, portanto, que o seu próprio veículo e objeto. É uma forma integral de se pensar o sujeito como sujeito de, como portador de uma mensagem, como dono de um saber, de uma capacidade de convivência, de comunhão de sentimentos, portanto de solidariedade social.

Essa dimensão social do corpo, na pedagogia da cultura cotidiana da vida do dia a dia, mas também do espetáculo, do extraordinário, no jogo de luzes e sombras, sobretudo das sombras luminosas e iluminadas para a percepção do outro, para o mostrar-se, para o relacionar-se e ser correspondido, gerando reconhecimento, compreensão e entendimento. É uma abordagem social múltipla e intencional de fazer sociedade via a sociabilidade, na sua forma mais sofisticada, no jogo da troca social dos valores positivos a partir do afeto, portanto, da afetividade, carga emotiva que liga e estrutura relações, efêmeras e duradouras, no jogo social em que são importantes as relações.

Assim, este é um projeto que propõe, acima de tudo, o aprendizado e o exercício de relações sociais, sobretudo aquelas carregadas de significado, de emoções, que levam às trocas, aos compromissos sociais, pessoais: individuais e grupais, com grande capacidade de resposta em termos de uma moderna e eficiente educação para a vida na sociedade pós-moderna: sociedade do prazer, do efêmero e do consumo.



ELETROCOOPERATIVA

Consultoria: *Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira, foi sociólogo, doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP); professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia; professor do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFCH-UFBA; pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos – CRH-UFBA; líder do Grupo de Pesquisa credenciado junto ao CNPq. “Cultura, cidade e democracia: representações, sociabilidade e movimentos sociais”; autor de livros, ensaios e artigos em revistas e jornais; palestrante e conferencista no campo dos direitos humanos.

Bibliografia citada e de referência básica

- BAUDRILLARD, Jean. Da sedução. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução Myriam Ávila ... [et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- ESPINHEIRA, Gey. Mal-estar na baianidade: perdas e danos. In Cadernos do CEAS n. 200, julho/agosto de 2002. Salvador: CEAS, 2002.
- ESPINHEIRA, Gey. Sedução tecnológica e subjetividade do indivíduo contemporâneo. In Cadernos do CEAS n. 190, novembro/dezembro de 2000. Salvador: CEAS, 2000.
- ESPINHEIRA, Gey. A cara do Brasil: em busca da identidade nacional. In Cadernos do CEAS n. 186, março/abril de 2000. Salvador: CEAS, 2000.
- ESPINHEIRA, GEY. Salvador: a cidade das desigualdades. In Cadernos do CEAS n. 184, novembro/dezembro de 1999. Salvador: CEAS, 1999.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardiã Resende ... [et al]/organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. 2ª.ed. Salvador: corrúpio, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique. Paris: Plon, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum. Tradução Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- O corpo ainda é pouco: seminário sobre a contemporaneidade./Organizadores: Sonia T. Lisboa Cabeda, Nádia Virgínia B. Carneiro, Denise Helena P. Laranjeira. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.



ELETROCOOPERATIVA

RIZÉRIO, Antonio. Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano. Salvador: corrupio, 1981.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Tradução Marie-Anne Kramer. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.